

A construção de um currículo de Língua Portuguesa no ensino médio integrado ao técnico: a experiência do IFMS

Doutorando Eli Gomes Castanho¹ (UNICAMP/IFMS)

Resumo:

O objetivo deste texto é relatar o processo de implantação de um currículo de Língua Portuguesa para a modalidade ensino médio integrado ao técnico, no Instituto Federal de Educação de Mato Grosso do Sul (IFMS) e buscar interlocutores para um diálogo no sentido de sua reconstrução. As diretrizes que orientam a criação de currículos para esse (novo) segmento da educação básica costumam ser os mesmos documentos oficiais que regem o ensino médio em sua modalidade regular. No entanto, no contexto profissionalizante, há que se lidar com duas agravantes: a redução significativa da carga horária e a necessidade de construir diálogos com a área técnica em que se insere o curso. Somando-se a isso, há o desafio de não se repetir uma perspectiva tecnicista do fazer pedagógico. A construção do currículo buscou priorizar gêneros textuais que dialoguem com a área técnica do curso, considerando-se as esferas acadêmica e do mercado de trabalho. Foram eleitos, como objeto de ensino, a cada módulo semestral, gêneros como o relatório, o texto de divulgação científica, a resenha, o editorial e o artigo de opinião. Ainda não se deixou de ter uma preocupação propedêutica, focada na preparação para exames como o ENEM. Logo, emerge um gênero que decorre dessa prática, o qual podemos denominar redação de ENEM. Assim, o currículo, nessa modalidade, constitui sua identidade por meio do simulacro entre o preparar para: o mercado de trabalho, o mundo acadêmico e, também, para exames admissionais no ensino superior. Uma vez que, nesse processo, no contexto da educação profissionalizante, interesses de atores como instituições, estudantes, pais e professores de áreas técnicas e de núcleo básico se encontram numa posição de disputa por espaços.

Palavras-chave: ensino médio integrado ao técnico, educação profissionalizante, currículo língua portuguesa, letramentos.

1 Introdução

A política nacional para o ensino profissionalizante, ao tomar para os governos federais, novamente, a responsabilidade sobre o ensino técnico, teve dois efeitos na reorganização curricular e alocação das instituições de ensino no país. Primeiro, voltou-se, mas com nova proposta, a existir o ensino médio integrado ao técnico; depois, espalharam-se institutos federais de educação, ciência e tecnologia pelo país.

Professores, como eu, acostumados a lecionar na educação básica passaram a lecionar no ensino profissionalizante. Deixei de ser professor de ensino fundamental e médio para ser professor de ensino básico, técnico e tecnológico. Um perfil que transita por diferentes instâncias: um ensino médio, o ensino profissionalizante, o integrado e o superior.

Meu objetivo, neste texto, será relatar como se deu o processo de construção de um currículo de língua portuguesa para o ensino médio integrado, no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul. Embora em nossa realidade se contemple o ensino de língua e literatura, neste artigo, tratarei somente da língua, até mesmo por razões de espaço. Como o currículo está em constante construção, espero buscar interlocutores para o aprimoramento do fazer pedagógico.

Este texto apresenta um contexto geral da instituição em questão, seguida de uma explanação sobre os saberes eleitos para compor o currículo de língua portuguesa e, por fim, um relato de atividades extracurriculares que vêm a complementar o currículo em construção.

2 O contexto do IFMS

O IFMS (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul) é parte do programa do MEC, e seu projeto de implantação se iniciou com sede na capital de Campo Grande – Mato Grosso do Sul. O campus de Nova Andradina iniciou suas atividades no ano de 2010, enquanto outros seis campi, incluindo o de Ponta Porã, iniciaram em 2011. O campus de Ponta Porã, localizado na cidade de Ponta Porã, Rodovia BR 463, Km 14, cuja cidade faz fronteira com Paraguai, conta atualmente com graduação em Técnico em Agronegócio, dez cursos técnicos à distância em diferentes áreas, dois cursos técnicos integrados – Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) e dois cursos técnicos integrados de nível médio: Agricultura e Informática, constituintes de sete semestres.

No ano de 2011, 168 alunos foram matriculados nos cursos técnicos integrados de nível médio, sendo 89 em Agricultura e 79 em Informática. As turmas ingressantes dos anos de 2011 a 2013 tiveram como campus provisório o prédio da UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul) e UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), ambas localizadas na cidade de Ponta Porã; em setembro de 2013, houve a mudança para o prédio definitivo do IFMS. No ano de 2014, ingressaram 164 alunos, 76 em Agricultura e 88 em Informática. Em 2014, o IFMS tem 572 estudantes presenciais matriculados, dos quais 384 são de cursos técnicos integrados de nível médio.

Assim que iniciaram suas atividades, a gestão de ensino dos campi atribuiu aos professores a tarefa de reformular as ementas das disciplinas dos cursos técnicos integrados. Naquela ocasião, coube a mim, como professor de Língua Portuguesa e Literatura, a missão de dialogar com os pares via e-mail (havia um professor de cada disciplina em cada câmpus), a fim de construir novas ementas. As que foram apresentadas no ano de 2010 seguia, mais ou menos, a ordem lógica dos conteúdos de gramática – da fonética à sintaxe – bem como as escolas literárias de cada período: do Trovadorismo às tendências contemporâneas.

Uma vez constatado esse estado de arte, parti para reorganização do currículo, considerando o possível diálogo, que foram raros, com os pares da disciplina. Sendo assim, propus um desenho curricular e algumas contribuições, notadamente, ligadas a tópicos gramaticais, me foram dadas.

3 Discursos em curso na construção de um curso

Silva (2010) argumenta que a construção de um currículo precede a teorias sobre currículo. Desse modo, a área da educação que se preocupa em estudar as teorias do currículo, centra-se em identificar a gênese das escolhas que são feitas. Seria, mais ou menos, um trabalho de arqueologia do discurso. Cabe ao teórico do currículo perguntar: como esse saber, eleito para compor o currículo, foi parar aí? Que teoria embasa a inclusão desse saber e não daquele outro?

A novidade do ensino médio integrado pegou os professores de surpresa. Ao construir um currículo, um simulacro de crenças entra em jogo e teorias, explicitamente, são pouco dialogadas, dada a diversidade de formações dos atores em cena. No IFMS, a construção das ementas de língua portuguesa se deu (ou se daria) de modo colaborativo entre os professores, recém-ingressos em 2011, que se “encontrariam” via e-mail para discutir os saberes necessários a serem eleitos para compor o currículo de língua portuguesa e literatura.

Na época, houve pouca interlocução. Aceitou-se, de pronto, o que havia proposto, sugerindo-se apenas a inclusão de um ou outro elemento gramatical. As ementas que tínhamos, que foi utilizada em 2010, era bastante pautada na organização tradicional da gramática e o texto era apresentado somente como “leitura e interpretação de textos”.

O primeiro passo foi, então, agrupar os saberes em três dimensões, conforme sugerem os PCNs, as práticas de leitura, escrita e reflexão linguística. Sem conhecer, a fundo, as necessidades dos

institutos, foi elencando gêneros que pensei ser interessante o contato e o estudo sistematizado. Foi então que propus, e que permanece até hoje, o que sintetizo na seguinte tabela:

Módulo semestral	Carga horária	Leitura e Escrita	Análise e reflexão linguística
LPL1	80h	Crônica	Classes de palavras Acentuação gráfica
LPL2	60h	Texto de divulgação científica Anúncio publicitário	Termos essenciais da oração
LPL3	60h	Relatório	Termos integrantes da oração Termos acessórios da oração
LPL4	60h	Resumo Resenha	Concordâncias verbal e nominal Regências verbal e nominal
LPL5	40h	Editorial Artigo de opinião	Período composto por coordenação
LPL6	40h	Redação de ENEM	Período composto por subordinação
LPL7	40h	Questão de ENEM Redação de ENEM	Valores e usos das conjunções

Ao escolher os gêneros pautei pelo critério de esferas de que fala Marcuschi (2007). Considerei, em primeiro plano, a esfera literária, elegendo o gênero crônica. A escolha justifica-se pelo fato de que o gênero parece ser interessante para explorar uma leitura do cotidiano e explora um contato maior entre o professor e os estudantes, até mesmo como apresentação e percepção do olhar sobre a nova realidade em que todos estão inseridos. O desafio no ensino desse gênero tem sido produzir uma autoria literária que fuja dos padrões que se aproximam mais de um relato e da tipologia expositiva tão somente.

Em LPL 2, pude desenvolver uma sequência didática, conforme Schneuwly e Dolz (2004), para o ensino do gênero texto de divulgação científica. A experiência acabou tomando o semestre todo e não se pôde explorar o segundo gênero previsto. Sem dúvida, parece ter sido a experiência mais produtiva em minhas aulas. Ali, os alunos puderam escrever sobre temas que lhes apeteçam, além de explorar recursos hipermediáticos que o gênero proporciona, como por exemplo, a remissão por linkagem.

A tendência em produção de sequências didáticas seguiria. A proposta era utilizar o horário de atividade de pesquisa como espaço para produção de material didático. No entanto, no entendimento da gestão, a carga horária do professor já contempla períodos de preparação de aula. Logo, preparar material didático seria entendido como preparar aulas. Infelizmente, foi isso o que ocorreu e vem ocorrendo. Mesmo assim, com a chegada de novos professores, houve um engajamento no sentido de produzir material didático sobre os gêneros. Isso tem feito a professora Cleide Monteiro Gonçalves de Abreu que tem se valido do desafio – ensinar relatório de aula de campo ao ensino técnico – para produzir sua dissertação de mestrado em Linguística Aplicada e Transculturalidade, junto à UFGD, Universidade Federal da Grande Dourados.

O ensino dos gêneros resumo e resenha complementam-se entre si, uma vez que a inserção de

sequências argumentativas diferenciam o primeiro do segundo. A exploração dos gêneros tem sido interessante como apresentação da tipologia argumentativa, que será explorada mais adiante, nos módulos posteriores. Forma-se, desde então, uma consciência sobre as tipologias e sobre o modo como a exposição pode auxiliar na construção da argumentatividade. É momento, também, para explorar aspectos gramaticais como o uso do aposto, nas sequências expositivas, o que sugere a utilização de pontuação adequada.

Os últimos blocos, do 5º ao 7º semestre, centram-se na argumentação. Os gêneros editorial e artigo de opinião são apresentados, considerando-se seu contexto de produção. Considerando-se uma aprendizagem em espiral, técnicas de resumo são utilizadas novamente, desta vez, para identificar elementos como tese, argumentos e conclusão. Nessa ocasião, como há muita circulação de jornais na cidade, uma visita ao laboratório de informática para explorar periódicos que apresentam os gêneros, é sempre bem-vinda. Os gêneros parecem que começam a fazer parte do cotidiano dos estudantes que, inclusive, verbalizam oralmente os temas em discussão.

Os dois últimos módulos privilegiam a redação do ENEM, entendida como gênero textual. É certo que há polêmicas sobre seu uso com fins didáticos, uma vez que a prática parece cancelar indícios de autoria (POSSENTI, 2002), já que reforça moldes prontos, quase que um formulário, como critica Lemos (1988), ao referir-se à análise de redações de vestibular. Todavia, é fato que os alunos cobram dos professores, e com razão, a aprendizagem desse gênero, uma vez que dependem do sucesso com ele para o ingresso no ensino superior. Como a tipologia argumentativa já tem sido explorada por meio do artigo de opinião e do editorial, o uso da redação o ENEM como um gênero — ainda que limitado a sequências e macroestruturas do tipo tese, argumentos e proposta de intervenção com base nos Direitos Humanos — abre possibilidades para um projeto de autoria mais ousado, para além das estruturas fechadas como um formulário.

Acerca dos conteúdos de análise e reflexão linguística, tenho buscado dar um trato diferenciado ao que faz a gramática tradicional, de modo a explorar os efeitos de sentido, nos textos, considerando-se as estratégias linguístico-discursivas imanentes à própria língua, o que não se resume a recortar trechos do textos para mera análise gramatical. O uso das conjunções e seus valores semânticos recebem ênfase ao final dos módulos, uma vez que uma dos fatores da textualidade — a coesão — é o que tem faltado aos textos dos alunos.

4 Rotas alternativas no contexto do ensino médio integrado

A agravante da carga horária reduzida, da modalidade integrada do ensino médio, tem sido minimizada pela criação de espaços alternativos para o aprender, como é o caso da “Oficina de Textos & Ideias”, ministradas por mim e pela professora Fabrícia Carla Viviani, de Sociologia, no câmpus Ponta Porã. Semanalmente reunimo-nos com alunos de diversos períodos do ensino médio integrado para discussão de temas, escolhidos pelos alunos.

A partir dessa seleção, textos de gêneros diversos são apresentados e discutidos. A tendência tem sido a utilização de espaços de fruição literária, quando são apresentados textos de diversos códigos semióticos para deleite do grupo; formação de conceitos sociológicos que subsidiam discussões futuras; e exploração de recursos linguístico-discursivos para a garantia do sucesso na argumentação.

A atividade conta, ainda, com a participação de convidados que se propõem a um diálogo com os participantes do projeto. Conforme o interesse dos envolvidos, projetos de pesquisa são desenvolvidos. Exemplo disso é o trabalho intitulado “Epifania fronteiriça: vestígios da ditadura militar em uma cidade do interior”. Nesse trabalho, um grupo de alunas, a partir das discussões sobre ditadura militar, resolver fazer um documentário curto sobre os reflexos do regime político na vida dos sul-mato-grossenses.

Seguindo a fio de possibilidades de pesquisas, o interessante no ensino médio integrado é a capacidade de dialogar com áreas, muitas vezes ‘incomunicáveis’ em outros contextos, como é o caso do trabalho “Como se sustenta a sustentabilidade nos artigos de opinião da revista Dinheiro Rural”, da aluna Aline Soares, do curso técnico em Agricultura; bem como “Agricultura e Literatura: análise das pragas em Triste fim de Policarpo Quaresma”, da aluna Carolina Lopes, do mesmo curso.

Portanto, tanto a pesquisa como a criação de espaços alternativos, possíveis somente graças ao período destinado a isso na carga horária do professor, é que se tornam possíveis trilhar rotas alternativas, no sentido de uma educação mais libertária e que possibilite a experiência com novas práticas.

Considerações finais

Os cursos integrados são uma realidade nova no país e novas também têm sido as práticas de que dele decorrem. A novidade, talvez nem tão nova assim, está na possibilidade de desenvolver letramentos como o acadêmico, por exemplo, dada a possibilidade de se fazer pesquisa naquele contexto. Além disso, o diálogo com o mundo do trabalho pode facilitar atividades menos forçadas no sentido de dar legitimidade ao uso real dos gêneros.

O currículo, ainda em construção no IFMS, parece ter avançado no sentido de centrar-se nos gêneros como objeto de ensino e, com isso, possibilitar a (re)escrita deles. Essa postura convoca professores ao desenvolvimento de atividades sistematizadas que garantam a eficácia curricular, convidando professores a ousar mais em suas práticas pedagógicas, valendo-se dos mais variados recursos e recorrendo às diferentes esferas de circulação de textos, conforme demandem as realidades de ensino.

A respeito dos saberes eleitos para a composição do currículo, cabe destacar, como uma lacuna, um desafio a se cumprir, a inserção e desenvolvimento de atividades que priorizem a prática com gêneros orais, muito além dos seminários escolares, que já são contemplados no currículo de língua portuguesa.

De modo mais amplo, cabe dizer que a construção do currículo traz vozes dos diferentes atores envolvidos no processo de construção de uma identidade do que vem a ser o ensino médio integrado ao técnico, sendo eles: dos professores de língua portuguesa, preocupados com o desenvolvimento da competência linguístico-discursiva dos alunos; do núcleo técnico, que ocupa os lugares da gestão, e que se preocupam em instrumentalizar o ensino da língua para fins técnicos tão somente; dos alunos e pais, que se preocupam em ter um curso propedêutico que dê conta do preparo para o vestibular e exames externos nacionais que garantam o acesso à universidade.

Referências Bibliográficas

- 1] LEMOS, C. T. G. de. Coerção e criatividade na produção do discurso escrito em contexto escolar: algumas reflexões. In: VOGT, Carlos et al. **Subsídios à proposta curricular de Língua Portuguesa para o 1º e 2º graus** - Coletânea de Textos - volume I. São Paulo: SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO/Coordenadoria de estudos e Normas Pedagógicas, 1988. p. 71-77.
- 2] MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In.: DIONISIO, A. P.; BEZERRA, M. A.; MACHADO, A. R. (org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

- 3] POSSENTI, S. Índicios de autoria. In: **Perspectiva**. Florianópolis, 1-.20, n.01, p.105-124, jan./jun. 2002.
- 4] SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- 5] SILVA, Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

i **Eli Gomes Castanho, Prof. Ms, Doutorando em Linguística Aplicada.**
Instituto Federal de Mato Grosso do Sul/ Universidade Estadual de Campinas
E-mail eli.castanho@gmail.com